

DESCOLONIZAR A ANÁLISE DO DISCURSO BRASILEIRA: um ensaio acerca da formação imaginária eurocêntrica¹

Thiago Barbosa Soares²

Resumo

Em vista do poderoso processo de colonização do pensamento que se dá em praticamente todas as ciências humanas existentes na antiga colônia sul-americana de Portugal, o objetivo proposto para este artigo é analisar, fazendo uso das noções de discurso e formação imaginária, a reprodução colonizada da Análise do Discurso desenvolvida no Brasil. Com a perspectiva de alcance do escopo traçado, empreende-se, em caráter ensaístico, uma leitura crítica, efetuada qualitativamente através da noção de formação imaginária, implicada no funcionamento do discurso, da construção histórica da colonialidade da Análise do Discurso brasileira. Como resultado deste estudo, foram encontradas, além da própria necessidade deste tipo de investigação, formações imaginárias colonialistas que remontam ao discurso eurocêntrico dominante a continuidade do servilismo intelectual ainda demonstrado em teorias importadas, portanto, sugere-se a descolonização consciente, mesmo que gradual, não apenas da Análise do Discurso brasileira, bem como de todo o saber importado.

Palavras-chave: Descolonização; Análise do Discurso; Formação imaginária; Eurocentrismo; Colonialidade.

¹ Neste texto, foi empreendido um esforço planejado para não se usar, como parâmetro ou mesmo como referência, autores estrangeiros que eventualmente abordem a decolonialidade eurocêntrica e norte-americana do saber.

² Bolsista de produtividade do CNPq. Possui graduação em Letras, português/inglês, pela Universidade do Vale do Sapucaí (2009), em Psicologia pela Universidade Paulista (2014) e em Filosofia pela Universidade de Franca (2014), especialização em Estudos Literários pela Faculdade Comunitária de Campinas (2013), mestrado em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (2015) e doutorado em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (2018). É colíder do Núcleo de Estudos da Linguagem (NEL-UFT) e membro pesquisador do Grupo de Estudos em Análise do discurso e História das ideias linguísticas (VOX-UFSCar). É editor-chefe da revista Porto das Letras (ISSN - 2448-0819) vinculada ao programa de pós-graduação em Letras da UFT. Atua como professor nos cursos de graduação em Letras e de pós-graduação stricto sensu em Letras da Universidade Federal do Tocantins no campus de Porto Nacional. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Análise do Discurso francesa, atuando principalmente nos seguintes temas: mídia, sucesso, teoria e análise do texto. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-2887-1302>. E-mail: thiago.soares@mail.uft.edu.br.

DECOLONIZING BRAZILIAN DISCOURSE ANALYSIS: an essay about the eurocentric imaginary formation

Abstract

In view of the powerful process of colonization of thought that takes place in virtually all existing human sciences in the former South American colony of Portugal, the proposed objective of this article is to analyze, making use of the notions of discourse and imaginary formation, the colonized reproduction of Discourse Analysis developed in Brazil. With the perspective of reaching the traced scope, it undertakes, in an essayistic character, a critical reading, carried out qualitatively through the notion of imaginary formation, implied in the functioning of the discourse, of the historical construction of the coloniality of the Brazilian Discourse Analysis. As a result of this study, in addition to the need for this type of investigation, colonialist imaginary formations were found that go back to the dominant Eurocentric discourse, the continuity of intellectual servility still demonstrated in imported theories, therefore, conscious decolonization is suggested, even if gradual, not just Brazilian Discourse Analysis, as well as all imported knowledge.

Keywords: Decolonization; Discourse Analysis; Imaginary formation; Eurocentrism; Coloniality.

DESCOLONIZAR A ANÁLISIS DEL DISCURSO BRASILEÑO: un ensayo sobre la formación del imaginario eurocéntrico

Resumen

Ante el poderoso proceso de colonización del pensamiento que tiene lugar en prácticamente todas las ciencias humanas existentes en la excolonia sudamericana de Portugal, el objetivo propuesto de este artículo es analizar, haciendo uso de las nociones de discurso y formación de imaginarios, la reproducción colonizada del Análisis del Discurso desarrollado en Brasil. Con la perspectiva de alcanzar el alcance trazado, emprende, en carácter ensayístico, una lectura crítica, realizada cualitativamente a través de la noción de formación imaginaria, implicada en el funcionamiento del discurso, de la construcción histórica de la colonialidad del Discurso brasileño Análisis,

registrado en dos textos “Legados de Michel Pêcheux e paradoxos da Análise do discurso no Brasil” (PIOVEZANI; SARGENTINI, 2011) y “Ler Michel Pêcheux hoje” (ORLANDI, 2012). Para subsidiar y, en consecuencia, contemplar una discusión diagnóstica, la sección “El acontecimiento del Análisis del Discurso: la formación de imaginarios” presenta un censo de los fundamentos del Análisis del Discurso, mientras que la sección “Formaciones imaginarias colonizadas” verticaliza la lectura analítica de textos seleccionados a través del uso de los conceptos de discurso y formación imaginaria. Como resultado de este estudio, más allá de la propia necesidad de este tipo de investigación, se encontraron formaciones de imaginarios colonialistas que remiten al discurso eurocéntrico dominante, la continuidad del servilismo intelectual demostrado.

Palabras clave: Descolonización; Análisis del Discurso; Formación imaginaria; Eurocentrismo; Colonialidad.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No final do século XIV, os europeus, nas figuras de portugueses e espanhóis principalmente, exploraram o além-mar para alcançar novas terras. Depois de estabelecido um “novo” mundo no qual as riquezas eram exploradas para fins diversos, os europeus, após contendas internas entre os seus próprios povos, colonizaram o continente americano em suas faixas territoriais do Sul e do Norte, segmentando culturas e fundando uma profusão de comunidades. Dessa forma, um processo de formatação das civilizações existentes nas américas deu-se para que houvesse a acomodação dos europeus que, por sua vez, subjugarão a maior parte dos componentes integrantes da cultura dos povos originários.

Nessa ótica, “O olhar do colonizador foi intensamente marcado pela perspectiva mercantil” (FARIAS, 2017, p. 16), de modo que seu fazer apropriativo também o era, porquanto a visão colonialista está fundamentada na lógica de superioridade tanto cultural quanto social, como é possível analisar no transcorrer da história das inúmeras colonizações existentes no passado e no presente. Ora, essa constatação torna-se perceptível ao refletir-se sobre o “desenvolvimento da prática científica e o enriquecimento promovido pela

expansão colonial que permitiu à Inglaterra organizar a Revolução Industrial, um importante passo para o pensamento científico” (BORTOLOTTI, 2015, p. 131).

O processo de colonização realizado pelo europeu, portanto, deu-se não apenas pelo uso da terra, pelo aproveitamento de produtos e, sobretudo, pelo emprego de pessoas, mas, ao mesmo tempo, deu-se pela apropriação e produção de saber. Em outros termos, a colonização foi e continua sendo um complexo procedimento de invasão e, posteriormente, de disseminação de dois grandes âmbitos de vivências e de experiências: o material (empírico) e o imaterial (subjetivo).

Atualmente, o manejo do dispositivo de agenciamento de recursos materiais pelo colonialismo europeu – há também a frequente intrusão norte americana em processos similares – é um tanto quanto mais velado ou mesmo mais “cuidadoso” em relação ao realizado nos séculos XV, XVI, XVII até o XXI, todavia o mesmo não acontece no campo dos saberes cuja dominação ou é predominantemente europeia ou é mesclada com a estadunidense.

Na toada compreensiva dos efeitos da colonização empírica e subjetiva, de acordo com Ballestrin, “A colonialidade se reproduz em uma tripla dimensão: a do poder, do saber e do ser” (BALLESTRIN, 2013, p. 100), de modo que haja o entrelaçamento dessas propriedades no interior dos campos colonizados. A tripla dimensão da colonialidade, que compõe os universos experienciais empíricos e subjetivos, pode ser observada em diversas parcelas das sociedades. Em boa medida, a produção e reprodução de saberes é permeada pelo poder e, conseqüentemente, pelo ser.

Neste texto, a colonialidade investigada insere-se na Análise do Discurso, da qual se extrai a noção de formação imaginária e, de posse dela, leva-se a cabo o exame da formação imaginária eurocêntrica no interior da própria Análise do Discurso desenvolvida no Brasil. Portanto, o objetivo aqui proposto é analisar, fazendo uso das noções de discurso e formação imaginária, a reprodução colonizada da Análise do Discurso no único país lusófono da América do Sul.

Com vistas ao alcance do escopo traçado acima, empreende-se mais adiante, em caráter ensaístico, uma leitura crítica, efetuada através da noção

de formação imaginária, implicada no funcionamento do discurso, da construção histórica da colonialidade da Análise do Discurso desenvolvida no Brasil, registrada nas introduções de dois textos “Legados de Michel Pêcheux e paradoxos da Análise do discurso no Brasil” (PIOVEZANI; SARGENTINI, 2011) e “Ler Michel Pêcheux hoje” (ORLANDI, 2012).

Para subsidiar e, conseqüentemente, contemplar essa discussão diagnóstica, a próxima seção, “O acontecimento da Análise do Discurso: formação imaginária”, apresenta um recenseamento das fundações da Análise do Discurso, no país tupiniquim, a partir das quais se produzem teses, dissertações, artigos e, claro, formam-se pesquisadores, além de pautar inúmeras disciplinas³, sejam de graduação ou de pós-graduação, cujo conteúdo programático versa acerca de conceitos e autores desse campo colonizado por europeus, em especial pelos franceses; já a seção subsequente, “Formações imaginárias colonizadas”, verticaliza a leitura analítica dos textos selecionados através do emprego dos conceitos de discurso e formação imaginária.

O acontecimento da Análise do Discurso: formação imaginária

A Análise do Discurso é um acontecimento (SOARES, 2020a) oriundo de reformulações - ou mesmo atualizações de sentidos - acerca de uma síntese da leitura de obras clássicas do marxismo, da psicanálise e da linguística (ORLANDI, 2012; SOARES, 2018, 2019) culminante em uma teoria da interpretação cujos alicerces contemplam sociedade, língua e o integrante dessas duas construções interseccionadas, o sujeito. Pode-se, então, afirmar que o desenvolvimento da Análise do Discurso realiza a supressão de uma necessidade das próprias ciências humanas no tocante ao funcionamento dos sentidos não lineares implicados à comunicação imediata, ou seja, essa teoria da interpretação

³ Sem entrar em filigranas, existem conteúdos curriculares, tanto em nível de graduação quanto de pós-graduação, que, quando não usufruem parcialmente da incorporação da Análise do Discurso em seus projetos pedagógicos de curso, são totalmente fundamentados nesse campo, independentemente das áreas, como Ciências Sociais, História, Letras/Linguística, entre outras.

descreve o funcionamento dos sentidos em sua magnitude ampliada pelo atravessamento dos universos nos quais os sujeitos estão inseridos: linguístico, social, cultural e histórico (essa é uma divisão didática, já que não há como dissociar esses segmentos da construção humana sem enormes prejuízos para a compreensão de cada um).

A época de promoção das condições de surgimento da Análise do Discurso “coincide” com o desencadeamento de movimentos sociais, estudantis, políticos em diversos países do mundo ocidental, de modo que a vontade de mudança em vários setores pode ser percebida em manifestações em praticamente todos os lugares afetados por regimes autoritários. É justamente nesse cenário, cujas circunstâncias demandam reformulações, que emergem círculos intelectuais tanto na Europa quanto fora dela com vistas à expansão de pesquisas das quais a Análise do Discurso é uma herdeira.

Duas obras, de dois franceses, marcam, no mesmo ano, 1969, o início da Análise do Discurso, *Análise Automática do Discurso*, de Michel Pêcheux, e *A arqueologia do saber*, de Michel Foucault. Segundo Soares (2020a) *Análise Automática do Discurso* “refere-se às produções de sentido como não evidentes e à comunicação como não transparente, ao ponto de os sentidos serem diferentes a depender de suas condições de produção” (SOARES, 2020a, p. 171). Ainda, de acordo com Soares (2020a), *A arqueologia do saber*, entre tantas outras viabilidades de investigação, “é uma busca pela compreensão de como certos campos complexos do conhecimento, a saber, a medicina, a gramática e a própria ciência, puderam tomar forma e existir enquanto tais” (SOARES, 2020a, p. 170). Ambas as obras e seus conceitos nelas produzidos são fomentadores da Análise do Discurso desenvolvida no Brasil.

Cada uma das obras mencionadas arregimenta noções e as transforma em mecanismos de interpretação segundo uma determinada ótica, ou materialista histórica para a vertente derivada de Pêcheux, ou ultra racionalista para a linha de Foucault, para compreender fenômenos presentes nas mais variadas produções discursivas circulantes em sociedade. Diante dessa bifurcação epistemológica, emergem as ditas análises do discurso pecheutiana e foucaultiana, uma e outra dispendo de procedimentos específicos para

interpretar a pluralidade de sentidos existentes no circuito coletivo. Desse modo, na França, a Análise do Discurso recebe os seus primeiros impulsos advindos de suas matrizes, já no Brasil, de acordo com Piovezani e Sargentini, “[...] os estudos do discurso só começam a circular entre nós a partir da década de 1970, quando nos chega uma considerável diversidade de teorias e métodos vindos de alhures” (PIOVEZANI; SARGENTINI, 2011, p. 11).

De fato, a Análise do Discurso é oriunda de outras terras, porém, ao vir para o Brasil traz juntamente com seus conceitos operacionais uma crítica ao funcionamento dissonante de uma sociedade profundamente desigual. A percepção segundo a qual essa teoria interpretativa examina os fenômenos sociais em sua virtualidade discursiva é forjada nas relações de poder, que são fundamentalmente contraditórias. É a partir dessas assimetrias cujas engrenagens da história ganham contornos perceptíveis e, ao mesmo tempo, é por meio dessas que noções como discurso e formação imaginária são teorizadas no interior da produção de Michel Pêcheux. Como para este texto ambas as noções anteriormente mencionadas são importantes para compreender-se a formação imaginária eurocêntrica dentro de uma perspectiva na qual é preciso descolonizar a análise do discurso brasileira serão apresentadas tanto uma quanto outra de acordo com o quadro epistemológico que lhes originou.

O discurso, como objeto da Análise do Discurso, é uma construção conjunta, nem individual, nem social, porém costurando ambas as dimensões históricas para expressar sentidos que precedem o momento exato de sua produção, pois, para esse viés teórico materialista, o discurso relaciona-se com os efeitos tanto das cadeias parafrástico-polissêmicas implicadas nas produções discursivas quanto das posicionais sociais ocupadas por seus participantes.

Portanto, uma definição de discurso, cuja recuperação das relações entre seus integrantes e a modelagem estrutural de seus sentidos dá-se por uma síntese, bastante difundida no Brasil é “efeito de sentido entre locutores” (ORLANDI, 2022, p. 21), de modo que seja possível verificar nessa formulação que os interlocutores são “as posições ocupadas pelos sujeitos atravessados pela história; os efeitos de sentidos são construídos no uso da língua; a história

compõe as condições de produção dos efeitos de sentido” (SOARES, 2020b p. 46).

Decorrente da elaboração do objeto da Análise do Discurso, emerge, ao mesmo tempo, a noção de formação imaginária, segundo a qual as posições dos interlocutores envolvidos no processo discursivo influenciam tanto na produção quanto na recepção dos efeitos de sentidos. Em outras palavras, é possível afirmar que “As formações imaginárias são imagens que cada um dos participantes de uma interação verbal faz de si e do outro na projeção de tais imagens como efeitos no discurso” (SOARES, 2018, p. 116). Dessa maneira, pode-se entender que a formação imaginária já existe nos inúmeros discursos circulantes no circuito coletivo muito antes mesmo de ser absorvida pelos sujeitos que lhe incorporam a partir de suas funções sociais. Um exemplo do funcionamento da formação imaginária é “Ao escrever um trabalho de conclusão de curso, o aluno precisa trazer para seu texto os conhecimentos adquiridos ao longo de seu curso” (SOARES, 2018, p. 116) que serão avaliados, respondendo à formação imaginária do discente, pelo professor avaliador. Conseqüentemente, “Por sua vez, o aluno, de posse da imagem do professor corretor, tentará não incorrer em inadequações para satisfazer a imagem criada de seu professor” (SOARES, 2018, p. 116).

Diante do desdobramento do acontecimento da Análise do Discurso para as ciências humanas dependentes de recursos interpretativos, por meio de seus conceitos de discurso e formação imaginária, explicados mais acima, é necessário reconhecer seu capital heurístico, mesmo sem todo seu aparato teórico-metodológico, porquanto seu objeto, por ser também empregado como dispositivo investigativo em outras áreas, como Ciências Sociais, História, Letras/Linguística, entre outras, apresenta frequentemente mutações de natureza heteróclita cujo próprio ferramental analítico apresentado no interior das duas concepções, discurso e formação imaginária, é capaz de examinar com rigor qualitativo requisitado em qualquer campo de conhecimento humano. Para demonstrar a reprodução colonizada no interior da Análise do Discurso, analisa-se a formação imaginária, na seção adiante, em dois textos de introdução, a saber: “Legados de Michel Pêcheux e paradoxos da Análise do

discurso no Brasil” (PIOVEZANI; SARGENTINI, 2011) e “Ler Michel Pêcheux hoje” (ORLANDI, 2012).

Formações imaginárias colonizadas

É importante trazer à luz as condições de acordo com as quais os textos sob análise emergem, já que essas estão implicadas direta e indiretamente nos sentidos mobilizados em praticamente todas as produções, tal como reza os postulados da Análise do Discurso. Por essa razão, cabe explicitar o fato de que as introduções “Legados de Michel Pêcheux e paradoxos da Análise do discurso no Brasil” (PIOVEZANI; SARGENTINI, 2011) e “Ler Michel Pêcheux hoje” (ORLANDI, 2012) fazem parte de duas diferentes coletâneas de textos, cada qual com seu organizador, para, em boa medida, homenagear as publicações do autor francês Michel Pêcheux. A começar desse ponto segundo o qual os textos são elaborados, tem-se, na inicial arquitetura discursiva de ambos os artefatos, a disseminação colonial assentando um fazer de divulgação acadêmico cujo resultado é a perpetuação do eurocentrismo, uma vez que “O eurocentrismo é uma lógica fundamental para a reprodução da colonialidade do saber” (BALLESTRIN, 2013, p. 103). Eis que a propositura germinal dos dois textos de introdução ao pensamento de um dos autores basilares para a Análise do Discurso apresenta, antes mesmo de a formação imaginária presente em ambos ser descrita, em suas condições de emergência, a colonialidade eurocêntrica feudalizada no Brasil.

Feita essa exposição inicial acerca das condições de surgimento dos textos em questão, pode-se agora passar à descrição analítica das formações imaginárias contidas na produção discursiva neles materializadas em enunciados encadeados ao longo do traçado argumentativo. Assim, através de recortes precisos de trechos em sua relação com o todo, nos quais a formulação provoca o aparecimento de formações imaginárias, é possível compreender, entre outras coisas, que nada da ordem da má-fé ou algo semelhante, que já não esteja embutida na divulgação científica eurocêntrica, faz-se presente, tal como no excerto abaixo.

Por enquanto, o que temos são analistas do discurso brasileiros fazendo e contando a história da AD no Brasil. De modo análogo, não escapamos aqui dessa vicissitude. A essa dificuldade somam-se outras: a Análise do discurso no Brasil é de certo modo uma “ciência” sem passado no país, daí derivam o encanto e o assombro que o novo quase sempre provoca; e a grande heterogeneidade dos estudos do discurso no cenário nacional, que reproduz a seu modo e em seu interior a diversidade gestada na Europa e no norte do Novo Continente (PIOVEZANI; SARGENTINI, 2011, p. 10).

Para um texto publicado em 2011, sua asserção de que não há história da Análise do Discurso no Brasil é um tanto quanto descuidada e mesmo contestada mais adiante em sua própria linearidade sintagmática quando diz que “Já no final dos anos de 1970, quando AD aportava definitivamente por aqui, repetíamos Pêcheux e seu grupo, dizendo que Saussure se os estruturalistas haviam excluído o sujeito, a história e o sentido” (PIOVEZANI; SARGENTINI, 2011, p. 20-21). Ora, de 1970 a 2011 parece haver algum tempo transcorrido e no interior desse muito provavelmente, para não dizer certamente, muito foi produzido em pesquisas, com a Análise do Discurso, desenvolvidas no único país lusófono das américas. Tal silenciamento (ORLANDI, 2007), marcado pelo equívoco da contradição, é um indício de uma formação imaginária colonizada, fundamentada de acordo com o pressuposto de que os saberes produzidos na “metrópole” possuem historicidade, já os concebidos na colônia podem ser silenciados.

Diante dos sentidos arregimentados pela formação discursiva constatada no trecho mais acima no qual o silenciamento da história da Análise do Discurso no Brasil está presente, observa-se que a continuidade do servilismo intelectual demonstrada, conforme afirma Carvalho (2001), em “grupos sociais submetidos ao poder colonial, busca-se ressaltar sua capacidade cognitiva de devolver uma imagem do colonizador construída a partir da experiência do grupo dominado” (CARVALHO, 2001, p. 129). Em vista dessa configuração discursiva segundo a qual a intelectualidade europeia faz “brotar” seu saber na colônia, é dito ainda que “a grande heterogeneidade dos estudos do discurso no cenário nacional, que *reproduz* a seu modo e em seu interior a diversidade gestada na Europa e no norte do Novo Continente” (PIOVEZANI; SARGENTINI, 2011, p. 10; *itálico*

nosso), destacando o caráter reprodutor da Análise do Discurso desenvolvida no Brasil e, por meio desse expediente, ratificando a formação imaginária colonialista derivada, sobretudo, do eurocentrismo intelectual.

O processo de atualização discursiva presente no próprio encadeamento argumentativo do texto sob investigação apresenta uma autocrítica no que se refere ao colonialismo do pensamento francês, porém, quando parece que a mudança de perspectiva está para ser alçada à condição de ponto de ruptura colonial, a formação imaginária colonialista assume o papel responsável por criar apenas o efeito de mea-culpa no trecho a seguir.

Se, certamente, a banalização dos postulados e das noções e os descuidos nos procedimentos metodológicos sempre ocorrerão quando houver a ampla circulação de uma disciplina, independentemente de onde isso aconteça, no Brasil, no que respeita à Análise do discurso, por nossa própria condição de personagens nessa história, observamos alguns fatores que parecem contribuir para a sua vulgarização, tais como a reprodução de práticas e pensamentos estrangeiros que apagam fundadores e a recitação de conceitos, mais com o objetivo de marcar certo pertencimento à teoria do que com o intuito de empregá-la efetivamente nas análises (PIOVEZANI; SARGENTINI, 2011, p. 24).

No eixo da formulação, constrói-se o ideário segundo o qual a ampla divulgação de uma teoria, como no caso da Análise do Discurso, costuma incorrer em impropriedades metodológicas de aplicação, fato esse que é verificável em muitos campos, entretanto, por tal composição textual-argumentativa figurar em uma introdução de obra de um autor francês, Michel Pêcheux, os efeitos de sentido são colocados justamente na linearidade do elogio e, portanto, são remodelados para, de acordo com a formação imaginária eurocêntrica, fazer com que seja seguido um conjunto de noções não contaminadas. A autoridade, atributo concedido pela própria formação imaginária – no caso eurocêntrica/colonialista – da crítica existente no excerto acima volta-se para a correção de eventuais deturpações de conceitos oriundos de uma vertente da Análise do Discurso, a pecheutiana.

Isso aparece marcadamente neste trecho, pelo uso da expressão, “reprodução de práticas e pensamentos estrangeiros que apagam fundadores” cujo contexto de emprego delinea a preocupação em demonstrar o modo

adequado de como expressar ideais importadas e, sobretudo, de evidenciar seus “fundadores”, como se esses fossem donos de uma propriedade imaterial da qual, para usar-se, é preciso pagar pedágio creditando-lhes por meio do material introduzido pelo texto sob análise. Nessa toada, é possível compreender como as marcas presentes nos dois fragmentos trazidos anteriormente estão sedimentadas no discurso eurocêntrico do qual derivam as formações imaginárias colonialistas no interior das quais estão situados tanto o preconceito com relação à intelectualidade importadora de saber quanto a superioridade do conhecimento estrangeiro, nesse caso da Análise do Discurso, uma teoria da interpretação forjada na França.

Na presença da formação imaginária colonizada pelo eurocentrismo, a continuidade de práticas de catequização do saber volta-se para a dominação imaterial (subjetiva), mencionada anteriormente, dos sujeitos que, em boa medida, estão imbuídos da vontade de conhecer e disseminar conhecimento. Frente a esse paradigma estruturante das ciências em geral no Brasil, a necessidade de emergência de textos como “Legados de Michel Pêcheux e paradoxos da Análise do discurso no Brasil” (PIOVEZANI; SARGENTINI, 2011) e “Ler Michel Pêcheux hoje” (ORLANDI, 2012) recupera a explicação advinda da noção de condições de produção, tão cara à Análise do Discurso, que, até onde tem sido possível entender, não contraria as formações imaginárias sob exame, aliás, as corrobora. Nesse último escrito introdutório, cujo papel crítico é semelhante ao primeiro, além de um recenciamento histórico da teoria em questão, encontra-se o seguinte parágrafo.

Este livro, portanto, é mais uma das homenagens cotidianas que tenho feito a Michel Pêcheux, o fundador da análise do discurso. E não é outro sentido de minha homenagem: conhecer, e fazer conhecer a linguagem, conhecendo textos de Michel Pêcheux (ORLANDI, 2012, p. 13).

No traçado argumentativo do excerto acima, é possível verificar tanto a razão de existir do livro, introduzido pelo texto do qual o fragmento é parte, quanto o propósito da apresentação da obra: homenagear Michel Pêcheux ao mesmo tempo em que seus textos e conceitos são difundidos simultaneamente.

Ainda na linearidade recursiva da citação, é dito que as homenagens são cotidianas, de maneira que se isso não for uma metodologia aplicada de servilismo discursivo ao eurocentrismo, está-se diante de um outro recurso: a difusão imparcial de conhecimento. Ora, a formação imaginária colonialista, derivada da intelectualidade europeia, cria, como pode-se notar, sujeitos deslumbrados com o saber produzido na “metrópole” e, sobretudo, com o fato de serem porta-voz de tal produção aqui na colônia. Assim, o fio discursivo responsável tanto pelas condições de produção quanto pela formação imaginária, presentes no trecho acima, dispensa a formulação segundo a qual o livro, do qual trata a introdução, representa um tributo, já que o próprio título é praticamente uma reverência: “Ler Michel Pêcheux hoje” (ORLANDI, 2012).

A redundância da homenagem ratifica a consistência da formação imaginária colonialista, pois essa está integrada não só à construção linguística, sintagmatizada no excerto anterior, como também à composição do modo de fazer ciência e divulgá-la no Brasil. A necessidade de o saber vir de fora e com seus “fundadores” remonta à história colonial no interior da qual tudo o que era bom era feito na “metrópole”, ainda que fosse utilizada em sua manufatura a matéria-prima extraída da colônia. Desse modo, a formação imaginária colonialista, que não está circunscrita à Análise do Discurso, permeia a arte, a ciência e a filosofia, entre outras áreas do saber, desde sempre. Portanto, a confrontação de formulações argumentativas nas quais sejam encontrados vestígios da profundidade da colonização eurocêntrica faz-se tão relevante, especialmente no tocante a uma teoria da interpretação segundo a qual as forças sociais figuram manifestadas na descrição histórica dos sentidos existentes nas mais diversas modalidades textuais.

Como visto na autocrítica dos recortes anteriores, existe também uma continuidade observável de dizeres posteriores à citação acima que se referem à colonização do pensamento, de modo que pareça não haver uma tutela eurocêntrica da vida intelectual no Brasil. Esse movimento contra argumentativo, como já percebido, assemelha-se à pretensa afirmação, com efeitos pragmáticos na compreensão, de que o que se diz é verdade. Ora, quem

enunciar que o que será dito é mentira e, assim, o fizer, contará uma verdade, portanto, o pressuposto enunciativo (com efeito pragmático) inerente a todo e qualquer dizer – o de que o que se diz é sempre verdade – não faz desse aquilo pretendido pela formulação do enunciado, já que os sentidos são construídos a partir das relações estabelecidas com suas condições de emergência, seus sujeitos e as posições sustentadas por esses no interior do circuito social no qual se encontram. É precisamente por essa razão que o trecho a seguir redimensiona a formação imaginária colonialista para censurar quem lhe criticar.

Descolonizar a vida intelectual não é minha preocupação menor. Porque temos a colonização em nossa história, não é pequeno o risco, quando olha a minha volta, dos que estabelecem com o que vem de fora uma relação de adulação intelectual e de submissão, próprias à ideologia do colonizado (ORLANDI, 2012, p. 13).

A ideologia do colonizado enseja a percepção de que o “senhor” carece de homenagens, de que é preciso ter um apelo por algum teórico estrangeiro e, ao mesmo tempo, demonstrar-se preocupado com a submissão dos outros à colonialidade. Assim configura-se o discurso no interior do qual funciona a formação imaginária colonialista derivada, sobretudo, da intelectualidade eurocêntrica e, por esse tipo de procedimento de autoindulgência recebe aprovação e aderência de quem também se encontra inserido em semelhantes circunstâncias sociais e históricas estruturantes dessa formação imaginária. Portanto, o traçado argumentativo-textual linearizado no excerto acima fundamenta, segundo a ótica da Análise do Discurso adotada para exame, tanto os sentidos ali produzidos quanto sua matriz eurocêntrica, ainda que a crítica à vassalagem colonialista possa ser lida de maneira dissociada das condições de emergência do texto e todo sem encadeamento sintagmático.

Diante das relações internas ao enunciado anterior extraído de “Ler Michel Pêcheux hoje” (ORLANDI, 2012) e sua configuração discursiva, pode-se afirmar que o comentário acerca da “adulação intelectual e da submissão”, trata-se de um expediente interno a essa formação imaginária, visando sua própria sobrevida ao blindar-se de eventuais indisposições e adequar-se à discursividade em voga, de acordo com a qual todas as fontes de geração de

saber, independentemente de sua localidade no globo, possuem o mesmo valor.

Nessa perspectiva, a formação imaginária colonialista ganha sua continuidade não somente em textos, como dos quais foram extraídas passagens icônicas, mas também em demais obras ancoradas na lógica eurocêntrica de reprodução de saberes forjados na “metrópole”.

No horizonte da reflexão analítica empreendida a partir de dois textos de apresentação, “Legados de Michel Pêcheux e paradoxos da Análise do discurso no Brasil” (PIOVEZANI; SARGENTINI, 2011) e “Ler Michel Pêcheux hoje” (ORLANDI, 2012), pode-se dizer que não foram esgotados seus respectivos efeitos de sentido, bem como pode-se asseverar, de acordo com Ballestrin (2013) e com base nas leituras discursivas realizadas aqui, que “Se toda teoria serve para algo ou para alguém, é razoável partir do princípio de que ela reproduz relações de colonialidade do próprio poder” (BALLESTRIN, 2013, p. 109). Portanto, a formação imaginária encontrada em ambos os objetos escolhidos corrobora essa constatação cuja participação da Análise do Discurso desenvolvida no Brasil integra, mais especificamente a vertente da qual deriva justamente a noção de formação imaginária.

Considerações finais

O objetivo proposto para este artigo de analisar, fazendo uso das noções de discurso e formação imaginária, a reprodução colonizada da Análise do Discurso desenvolvida no Brasil em dois textos, “Legados de Michel Pêcheux e paradoxos da Análise do discurso no Brasil” (PIOVEZANI; SARGENTINI, 2011) e “Ler Michel Pêcheux hoje” (ORLANDI, 2012), foi cumprido, entretanto, com o pesar de que os esforços empreendidos nessa jornada são muito pequenos frente ao poderoso processo de colonização do pensamento que se dá em praticamente todas as ciências humanas existentes na antiga colônia sul-americana de Portugal. Dito isso, é relevante explicitar que não compreende parte do escopo deste estudo a tentativa de invalidar ou mesmo de desprestigiar quaisquer autores e teorias, pois a linha traçada para ser aqui

seguida é formada pelo honesto interesse em descolonizar uma importante disciplina interpretativa.

Feitos esses apontamentos, destaca-se, como foi possível perceber no movimento analítico empreendido, o controle do eurocentrismo não apenas na formação imaginária colonialista presente em textos da Análise do Discurso, mas também em âmbitos adjacentes do conhecimento, Ciências Sociais, História, Letras/Linguística, entre outros, de maneira que gradualmente, em quase todas as áreas do saber, surgem frentes de resistência e, por conseguinte, propostas de mudanças que freiam o servilismo intelectual. Em vista desse fenômeno estruturante da sociedade brasileira, ao apontar a desproporcionalidade existente entre dominante e dominado e suas razões, Souza (2017) diz que “Por conta disso, quem controla a produção das ideias dominantes controla o mundo. Por conta disso também, as ideias dominantes são sempre produto das elites dominantes” (SOUZA, 2017, p. 25).

Para além da compreensão da formação imaginária colonialista, derivada de um discurso eurocêntrico, existem também condições de mercado responsáveis por formatar a divulgação de conhecimento, cuja finalidade é “continuar dominando, se apropriar da produção de ideias para interpretar e justificar tudo o que acontece no mundo de acordo com os seus interesses” (SOUZA, 2017, p. 25). Assim, o grande mercado do saber já possui seus clientes cativos e é preciso denunciar suas alianças feitas com as agências de pesquisa, com as instâncias de avaliações curriculares de cursos, de graduação e pós-graduação e com editoras, pois, a formação imaginária colonialista presente nos dois textos de Análise do Discurso analisados aqui, parece fazer parte estruturante da própria maneira como o brasileiro, grosso modo, percebe sua relação com os saberes e, provavelmente, consigo mesmo.

Portanto, é necessário que, mais do que a identificação e a descrição interpretativa de formações imaginárias eurocêtricas em materiais produzidos e divulgados no Brasil, haja a continuidade de pesquisas como esta, já que podem, quando realizadas na perspectiva crítico-investigativa, contribuir para a elucidação de processos discursivos colonialistas de natureza espontânea, além, é claro, de abrir margens para o incentivo de estudos totalmente nativos

ou pelo menos de explorações cuja antropofagia epistemológica seja a razão principal de ser do conhecimento produzido. Em conformidade com a propositura deste artigo, sugere-se a descolonização consciente, mesmo que gradual, não apenas da Análise do Discurso brasileira, bem como de todo o saber para cá importado ou aqui elaborado, do contrário a independência continuará a ser tão somente um mito criado para manipular aqueles que nela acreditam.

REFERÊNCIAS

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*. Brasília, nº 11, número, pp. 89-117, maio/agosto de 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/DxkN3kQ3XdYYPbwwXH55jhv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 mar. 2023.

BORTOLOTTI, Karen Fernanda. *História da educação*. 1 ed. Rio de Janeiro: SESES, 2015.

CARVALHO, José Jorge de. O olhar etnográfico e a voz subalterna. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 4, n. 8, pp. 182-198, julho de 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/kNnShbTR3wLSWgCspyx8JBv/?lang=pt>. Acesso em: 4 abr. 2023.

FARIAS, Cláudia Maria De. *História do Brasil colonial*. 1 ed. SESES: Rio de Janeiro, 2017.

FOUCAULT, Michel. [1969]. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 8 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

ORLANDI, Eni. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 16 ed. Campinas: Pontes, 2022.

ORLANDI, Eni. Ler Michel Pêcheux hoje. In: ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: Michel Pêcheux*. 3 ed. Trad. Eni Puccinelli Orlandi et. al. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

PÊCHEUX, Michel. [1969]. Análise automática do discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de*

Michel Pêcheux. Trad. Bethania S. Mariani et. al. 4 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice. Legados de Michel Pêcheux e paradoxos da Análise do discurso no Brasil. In: PIOVEZANI, C; SARGENTINI, V. (orgs.). *Legados de Michel Pêcheux inéditos em análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2011.

SOARES, Thiago Barbosa. *Percurso Linguístico: conceitos, críticas e apontamentos*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

SOARES, Thiago Barbosa. Formação discursiva: uma noção com dois fundadores. In: PESSOA, O. M. *Leitura, discurso e produção dos sentidos: múltiplas abordagens*. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2019.

SOARES, Thiago Barbosa. 1969, o ano que não terminou: o acontecimento da análise do discurso. In: BUTTURI JUNIOR, Atílio; BRAGA, Sandro; SOARES, Thiago Barbosa (Orgs.). *No campo discursivo: teoria e análise*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020a.

SOARES, Thiago Barbosa. *Concisa apresentação da linguística: um panorama da gramática comparada à pragmática*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020b.

SOUZA, Jessé. *A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato*. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

Recebido em: 10/04/2023

Aprovado em: 13/06/2023

Publicado em: 16/06/2023